O Outono Permanece em Suas Mãos

O outono deveria ser apenas uma estação. Ele mudou seus planos.



Laura Bellini

O Outono Permanece em Suas Mãos

O outono deveria ser apenas uma estação. Ele mudou seus planos.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903445

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As raízes não gostam de pressa 12
Capítulo 2 - Limites traçados a lápis 24
Capítulo 3 - O que não se vê debaixo da terra..... 38
Capítulo 4 - O sabor das coisas que eu não havia planejado 49
Capítulo 5 - O direito de dizer não 62
Capítulo 6 - Antes que as últimas folhas caiam 73
Capítulo 7 - Coisas que não podem ser escondidas..... 85
Capítulo 8 - Entre a atração e a confiança 97
Capítulo 9 - O risco que assumimos juntos.....108
Capítulo 10 - Aquilo que escolhemos conscientemente 120
Capítulo 11 - Espaço para outra pessoa..... 131
Capítulo 12 - O preço das decisões dos outros.....143
Capítulo 13 - O limite da responsabilidade 154
Capítulo 14 - A verdade dita em voz baixa.....165
Capítulo 15 - A verdade que não pode ser apagada 174
Capítulo 16 - A distância de que preciso.....186
Capítulo 17 - O que permanece quando partimos 194
Capítulo 18 - O preço de abrir mão do controle 205
Capítulo 19 - Tudo o que pertence a nós 214
Capítulo 20 - O outono permanece em suas mãos..... 226

INTRO

A primeira maçã caiu da árvore exatamente no momento em que decidi que não ficaria ali nem um dia além do previsto no contrato.

Ela atingiu o chão bem ao lado da minha bota, partindo-se em duas metades desiguais. Parei entre as fileiras de macieiras antigas e observei as sementes espalhadas. O ar tinha cheiro de casca molhada, frutas maduras e terra que a chuva da noite havia transformado em uma argila escura e pesada. Além das árvores, estendiam-se as colinas suaves dos arredores de Sandomierz. A névoa ainda não havia se dissipado do vale. Era a última semana de setembro, e eu tinha pela frente oito semanas de trabalho e uma passagem aérea para Lisboa reservada para o dia 28 de novembro.

Tudo estava planejado.

Era assim que eu mais gostava.

Agachei-me junto às raízes de uma macieira, afastei as folhas molhadas com a mão e examinei as condições do solo. As raízes estavam expostas, e o tronco apresentava sinais de uma poda negligenciada havia muito tempo. A algumas dezenas de metros dali, atrás de um portão enferrujado, começava o jardim de exposição do viveiro Lis. Até poucos anos antes, segundo me contaram, proprietários de pousadas, paisagistas e pessoas em busca de inspiração para seus próprios jardins costumavam visitar aquele lugar. Agora, a grama invadia os caminhos, os canteiros perdiam suas formas e a pérgola de madeira se inclinava na direção de um espelho-d'água que havia secado.

Minha tarefa era devolver a vida àquele lugar, sem fingir que seria possível fazer o tempo voltar.

Foi exatamente por isso que aceitei o trabalho.

O celular vibrou no bolso da minha jaqueta. O nome da minha melhor amiga apareceu na tela.

— Não me diga que você já está trabalhando — disse Iga, antes mesmo que eu conseguisse falar qualquer coisa.

— Estou inspecionando o terreno.

— Dagna, são sete da manhã.

— As plantas não conhecem horário comercial.

— Mas você deveria conhecer o significado da palavra descanso. Lembro que essa viagem deveria ser seu último trabalho antes de Portugal. Nada de prorrogações, nada de projetos extras e nada de sair salvando pessoas que não conseguem colocar a própria vida em ordem.

Sorri sem querer.

Iga me conhecia havia quinze anos. Tinha acompanhado a construção do meu escritório, desde os primeiros projetos de varandas até os jardins cujos proprietários eram capazes de gastar com uma única árvore mais do que eu costumava ganhar em um mês. Também havia presenciado meu último término de relacionamento. Vira quanto tempo levei tentando convencer a mim mesma de que construir um futuro a dois não precisava significar abrir mão do meu próprio futuro.

— Não pretendo salvar ninguém — garanti. — Tenho um projeto, um pagamento combinado e uma data para terminar. Depois, Lisboa.

— E o proprietário?

— Ainda não o conheci.

— Dizem que ele é bonito.

— De onde você tira essas informações?

— Da internet. Tem fotos dele no site do viveiro. Quarenta e poucos anos, cabelos escuros, cara de quem sabe consertar um telhado e partir um coração.

— Uma análise extremamente científica.

— É para isso que você tem uma amiga.

Desliguei antes que ela pudesse desenvolver sua teoria.

Na verdade, não me interessava saber como era a aparência de Beniamin Lis. O que me interessava era descobrir por que um homem responsável por um dos viveiros de árvores mais conhecidos da região havia permitido que o jardim que servia de cartão de visitas do negócio chegasse àquele estado de abandono.

Tirei da bolsa uma pasta com os projetos impressos. Minha proposta previa preservar as macieiras mais antigas, restaurar os caminhos de pedra e criar um espaço no qual o jardim de exposição se integrasse naturalmente ao pomar. Nada de ornamentos exóticos, nada de plantas escolhidas exclusivamente para ficar bonitas nas fotografias. Eu queria que as pessoas que entrassem ali sentissem o cheiro da terra e das frutas, não o de uma decoração cara.

Aquele seria meu último projeto na Polônia antes de começar a colaborar com um escritório português especializado na restauração de jardins históricos. Eu não estava fugindo da minha vida. Pelo menos era isso que repetia para mim mesma. Queria apenas descobrir quem eu seria se, por algum tempo, ninguém esperasse que eu ficasse.

Quando tentei abrir o portão, a dobradiça inferior rangeu e se recusou a colaborar.

— Precisa levantar um pouco.

Uma voz masculina soou atrás de mim.

Virei-me.

O homem estava a poucos passos de distância, segurando uma caneca de café em uma das mãos e uma tesoura de poda na outra. Vestia uma camisa escura com as mangas dobradas, calças de trabalho gastas e botas cobertas de lama. Seus cabelos, levemente grisalhos nas têmporas, pareciam ter sido penteados com os dedos, não com um pente. Ele não sorria, mas havia algo de atento em seu olhar que me fez demorar mais do que de costume para desviar os olhos de um desconhecido.

— O portão ou os padrões de manutenção da propriedade? — perguntei.

Por um instante, ele me observou em silêncio.

Depois, colocou a caneca sobre um dos postes da cerca.

— Depende de qual dos dois é mais fácil consertar.

Aproximou-se, ergueu a estrutura metálica e abriu o portão com um único movimento tranquilo. Em vez de passar na minha frente, afastou-se para me dar espaço.

— Dagna Rataj? — perguntou.

— E o senhor deve ser Beniamin Lis.

— Exatamente.

Estendi a mão. Ele a apertou com firmeza, mas sem força excessiva. Sua mão era áspera, quente e marcada por um trabalho que não poderia ser realizado atrás de uma escrivaninha. Havia um pequeno corte em seu polegar, protegido por um curativo. Só percebi porque, durante um

breve instante, observei nossas mãos por mais tempo do que seria necessário em um cumprimento comum.

— A senhora chegou antes do horário combinado — comentou.

— Queria conhecer o jardim antes que o senhor começasse a me explicar como ele deveria ser.

Ele ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— E se eu tiver minhas próprias opiniões?

— Ótimo. As pessoas mais difíceis de trabalhar são aquelas que não sabem o que querem.

— E aquelas que sabem até demais?

— Depende de saberem ouvir.

Dessa vez, ele sorriu. Não foi um sorriso largo. Apenas o suficiente para suavizar a severidade de seu rosto e me fazer entender por que Iga havia prestado atenção nas fotografias.

Beniamin pegou a caneca e olhou para meus projetos.

— Antes de começarmos, a senhora precisa saber de uma coisa. Nem todas as árvores que marcou para preservação poderão permanecer aqui.

Senti a pontada familiar de irritação.

— Só tomo as decisões definitivas depois de examinar o local. Foi justamente para isso que vim.

— Entendo. Mas uma parte do terreno pode passar a ter outra finalidade.

— Uma parte de que tamanho?

Ele não respondeu imediatamente. Olhou na direção do prédio do viveiro, onde uma luz acabara de se acender atrás das grandes janelas. Consegui distinguir a silhueta indistinta

de uma mulher em pé junto a uma mesa. Beniamin também a viu e desviou o olhar.

— Ainda não sabemos — respondeu. — Quero que o jardim recupere seu antigo valor. Por enquanto, é tudo o que posso prometer.

— E eu preciso de algo mais concreto do que uma promessa.

Em vez de se ofender, ele assentiu.

— Com toda a razão.

Aquelas três palavras me surpreenderam mais do que sua resistência anterior. Eu estava acostumada com proprietários que tratavam a paisagista como alguém contratado apenas para confirmar suas ideias. Ele parecia um homem habituado a tomar decisões e, ainda assim, não tentou abafar minhas objeções.

Entramos no jardim. Beniamin parou junto a uma das macieiras mais antigas e quebrou um galho seco. À luz da manhã, percebi pequenos grãos de terra incrustados nas linhas da pele de suas mãos. Ele observava a árvore com uma atenção que não poderia ser confundida com indiferença.

— Foi meu pai quem a plantou — contou. — Há quarenta anos. Naquela época, além da cerca, só existiam campos.

— O senhor quer preservá-la?

— Mais do que qualquer uma das outras.

Examinei o tronco.

— Nesse caso, começaremos por ela. Mas não posso prometer que conseguiremos sem antes fazer os exames necessários.

— Não espero promessas vazias, senhora Dagna.

A maneira como ele pronunciou meu nome pareceu surpreendentemente pessoal para alguém que eu havia conhecido apenas alguns minutos antes. Ele não fizera nada que ultrapassasse os limites da cortesia. Mesmo assim, tive a estranha impressão de que aquela conversa não terminaria nas árvores.

O som de uma porta se abrindo veio do prédio.

— Beniamin! — chamou uma mulher. — Precisamos conversar antes que os outros cheguem.

Vi sua mandíbula se contrair por um instante.

— Já estou indo, Marta.

A mulher olhou para mim e depois para os projetos abertos. Sua expressão permaneceu imóvel.

— Então é essa a paisagista? — perguntou.

— Sim — respondeu Beniamin.

— Quer dizer que vamos mesmo começar.

Não havia entusiasmo algum em sua voz.

Beniamin não explicou o comentário. Apenas se abaixou, recolheu uma maçã madura do chão e a ofereceu na palma da mão aberta.

— Antes de decidir o que vai permanecer aqui, experimente. Essa variedade não tem uma aparência especialmente atraente, mas tem personalidade.

Aceitei a fruta. Nossos dedos se tocaram por uma fração de segundo, e ele não tentou segurar minha mão. Uma mancha escura de terra permanecia sobre a casca da maçã.

Dei uma mordida. A polpa era firme, doce, com uma nota ácida bem pronunciada.

— É boa — admiti.

— Eu sei.

Sorri.

— A modéstia também está entre suas qualidades?

— Não a colocaria entre as cinco principais.

Ri antes que conseguisse me conter.

Beniamin me olhou com tanta atenção que tive a impressão de que aquela risada lhe havia revelado alguma coisa importante. Depois, virou-se em direção ao prédio, onde o esperavam uma mulher e uma conversa que ele claramente não desejava ter na minha presença.

Fiquei entre as árvores, com uma maçã na mão, o projeto na bolsa e a desagradável consciência de que aquele trabalho envolvia muito mais incógnitas do que os documentos indicavam.

Eu deveria ter começado verificando os limites do terreno e as condições do contrato.

Em vez disso, observei Beniamin se afastar pelo caminho e me peguei pensando em algo completamente diferente.

Por que, depois de tantos meses em que me esforçara tanto para aprender a não precisar de ninguém, justamente aquele desconhecido havia despertado em mim a vontade de ouvi-lo pronunciar meu nome mais uma vez?

Capítulo 1 - As raízes não gostam de pressa

Nos vinte minutos seguintes, consegui descobrir três coisas. O jardim estava em condições piores do que a documentação indicava. Alguém havia marcado recentemente algumas árvores para remoção, embora não parecessem doentes. E Beniamin Lis aparentemente tinha o hábito de tomar decisões difíceis sozinho e depois apresentá-las ao mundo como algo que não admitia discussão.

A última descoberta veio com seu retorno.

Eu caminhava pelo antigo caminho que levava a um pequeno pavilhão quando ouvi atrás de mim o ruído característico de passos sobre o cascalho. Beniamin parou ao meu lado. Não parecia alguém que acabara de ter uma conversa agradável.

— Temos um problema — anunciou.

— Só um? Isso é uma boa notícia. Eu contei sete.

Ele olhou para o projeto aberto em minhas mãos.

— Aquele perto do limite oeste.

— Seja mais específico.

— Não podemos plantar nada ali.

Virei o projeto em sua direção. A parte oeste do jardim era o elemento mais importante da minha proposta. Eu havia planejado uma faixa de plantas perenes, um caminho sensorial e um pequeno espaço educativo onde os visitantes poderiam conhecer antigas variedades de árvores frutíferas.

Sem aquela área, o conjunto perderia sua ligação natural com o pomar.

— Por quê? — perguntei.

— Preciso desse espaço para outras finalidades.

— Quais?

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Relacionadas ao futuro do viveiro.

Dobrei o projeto muito devagar.

— Senhor Lis, combinamos o escopo do trabalho há três semanas. O senhor recebeu a documentação conceitual, fez duas pequenas observações e aprovou o projeto. Agora está me dizendo que quase um terço do terreno não está disponível?

— Não disse que seria para sempre.

— Mas também não pode me dizer por quanto tempo.

— Ainda não.

Olhei ao redor do jardim, tentando controlar a irritação. Eu tinha trinta e nove anos, meu próprio escritório e experiência suficiente para reconhecer uma situação em que o cliente tentava mudar as regras depois do início do trabalho. Não pretendia provar meu valor mais uma vez corrigindo a indecisão de outra pessoa.

— Nesse caso, vou suspender essa parte do trabalho até receber uma decisão por escrito.

— Não podemos nos dar ao luxo de atrasar.

— Então sugiro que tome a decisão mais depressa.

Ele me observou por um longo momento. O vento agitou as folhas de uma nogueira próxima, derrubando algumas gotas de água sobre seu ombro. Ele nem percebeu.

— A senhora sempre conversa assim com seus clientes?

— Apenas com aqueles que me pagam por um projeto e depois não permitem que eu o execute.

Inesperadamente, ele soltou uma risada.

— Está bem. Eu mereci.

— Estamos apenas começando a trabalhar juntos. Não tire conclusões precipitadas.

O sorriso permaneceu em seu rosto um pouco mais do que eu esperava. Depois, Beniamin se aproximou da velha pérgola e apoiou a mão em um dos pilares.

— Gostaria de lhe mostrar uma coisa.

— Se for mais uma parte do terreno na qual não posso tocar, prefiro descobrir aqui mesmo.

— Desta vez, é algo que a senhora deveria salvar.

Ele me conduziu para trás do pavilhão, até uma parte negligenciada do jardim, escondida por capins altos. Junto a uma parede de tijolos escuros cresciam antigas roseiras, quase completamente sufocadas por brotos selvagens e urtigas. Alguns galhos ainda exibiam pequenas flores de um rosa-escuro. Seu perfume era delicado, levemente condimentado.

Agachei-me ao lado da roseira mais próxima.

— São variedades antigas — comentei. — Provavelmente fazem parte de uma coleção histórica.

— Minha mãe as colecionava.

Virei a cabeça.

Beniamin olhava para as rosas de uma maneira diferente daquela com que observava as outras plantas. Sua autoconfiança áspera havia desaparecido. Ele tinha quarenta

e quatro anos, mas, por um momento, pareceu um menino diante de algo que não conseguia recuperar.

— Quantas havia? — perguntei, com mais delicadeza.

— Vinte e seis variedades. Pelo menos foi esse o número que ela registrou em seu caderno. Depois que morreu, tentamos manter a coleção, mas, com o tempo, faltaram horas no dia.

— O senhor ainda tem esse caderno?

— Tenho.

— Gostaria de vê-lo.

Ele me olhou com evidente surpresa.

— Sério?

— Se preciso decidir o que salvar, devo saber o que crescia aqui. Nem tudo pode ser reconstruído a partir de fotografias.

Beniamin se ajoelhou junto à roseira ao lado e afastou cuidadosamente um galho.

— Esta variedade continuava florescendo até outubro. Minha mãe dizia que era teimosa.

— Pelo visto, ela tinha bom gosto.

— Para plantas?

— Para coisas que não desistem na primeira geada.

Ele me olhou por cima dos galhos. Não respondeu, mas em seus olhos surgiu uma expressão divertida, misturada a algo que não consegui identificar.

Trabalhamos durante a meia hora seguinte quase sem trocar palavras. Avaliei as condições das roseiras, fotografei os brotos e marquei as plantas que precisavam de cuidados urgentes. Beniamin trouxe luvas, tesouras de poda e um

recipiente para os resíduos. Não tentou dirigir minhas ações. Quando eu perguntava sobre a idade das plantas ou sobre a maneira como haviam sido cultivadas anteriormente, ele respondia de forma objetiva.

Em uma das roseiras, porém, identifiquei um problema sério.

— Olhe aqui.

Mostrei a ele uma lesão na base de um dos ramos. A madeira estava apodrecida, e a terra ao redor das raízes, úmida demais.

— Se deixarmos assim, vamos perder a planta antes do inverno.

— Podemos transplantá-la?

— Não agora, não nesse estado. Primeiro precisamos melhorar a drenagem e verificar se as raízes estão saudáveis.

— E se não estiverem?

— Tentaremos coletar material para propagação. Mas não vou prometer que dará certo.

Beniamin aceitou a resposta sem protestar.

Somente quando me levantei percebi uma longa mancha de terra na manga de sua camisa. Ele também tinha um arranhão no antebraço. Instintivamente, levei a mão ao bolso para pegar um lenço, mas interrompi o movimento. Afinal, ele não precisava dos meus cuidados, e eu não tinha motivo para tocá-lo.

Mesmo assim, ele percebeu meu gesto.

— Algum problema? — perguntou.

— As rosas não são particularmente agradecidas com seus proprietários.

Ele olhou para o arranhão.

— Já estou acostumado.

— Isso nem sempre é uma qualidade.

Por alguns instantes, ficamos tão próximos que pude sentir o cheiro de sua camisa, impregnada pelo ar frio e pela madeira. Ele não se afastou, mas também não fez nada que me obrigasse a recuar.

Fui a primeira a me distanciar, para buscar a câmera.

Ao meio-dia, a equipe de manutenção chegou. Dois funcionários do viveiro deveriam começar a limpar os caminhos e remover os galhos mortos. Quando alcançamos a parte oeste do jardim, vi fitas vermelhas amarradas em seis macieiras.

— Quem marcou essas árvores? — perguntei.

O funcionário mais velho, senhor Stefan, lançou um olhar inseguro para Beniamin.

— Ontem recebemos ordens para preparar esta fileira para o corte.

Senti a raiva tomar conta de mim.

— Com base em quê?

— Foi a informação que recebemos.

— De quem?

Stefan hesitou.

— Do escritório.

Beniamin tirou as luvas.

— Por enquanto, ninguém vai cortar nada — declarou.

— Mas o serviço estava marcado para sexta-feira — observou o funcionário.

— A programação mudou.

Stefan assentiu e se afastou com o outro homem em direção ao pavilhão.

Fiquei sozinha com Beniamin junto às árvores.

— O senhor sabia disso?

— Sabia que estavam considerando removê-las.

— Considerando? Alguém já deu a ordem.

— Sem minha autorização definitiva.

— Então, na sua empresa, é possível preparar o corte de árvores sem uma decisão do proprietário?

Uma expressão de impaciência surgiu em seu rosto.

— É mais complicado do que parece.

— Para as árvores, não. Ou elas ficam ou não ficam.

Caminhei até a primeira macieira marcada. Sua copa era irregular, mas os galhos pareciam saudáveis. Levantei um pedaço de casca solta, examinei o tronco e tirei uma fotografia.

— Não há nenhum motivo evidente para removê-la — afirmei. — Preciso de uma avaliação de um arborista antes que alguém tome qualquer decisão.

— Tenho meus próprios especialistas.

— Ótimo. Nesse caso, gostaria de receber o parecer deles por escrito.

— Dagna...

Pela primeira vez, ele pronunciou meu nome sem qualquer formalidade.

Virei-me imediatamente.

— Estou ouvindo.

Ele suspirou.

— Não quero brigar com você por causa de cada árvore.

— Eu também não. Mas, se meu nome vai constar neste projeto, não permitirei que plantas saudáveis desapareçam porque estão atrapalhando algum plano que ninguém quer revelar.

Por alguns instantes, ele me encarou com firmeza. Depois, aproximou-se da primeira árvore e desamarrou a fita vermelha.

Em seguida, fez o mesmo com as outras.

Não foi um grande gesto. Não resolveu nossos problemas. Mesmo assim, alguma coisa mudou quando percebi que ele não apenas escutava meus argumentos, mas também era capaz de mudar suas próprias atitudes.

— Até termos a avaliação técnica, elas ficam — disse.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. Ainda acredito que a parte oeste exige outra solução.

— E eu continuo achando que o senhor deveria me explicar por quê.

Ele sorriu sem muita alegria.

— É uma posição justa.

À tarde, espalhei a documentação sobre uma mesa grande no pavilhão. O tempo havia esfriado. A luz entrava pelas janelas sujas e dava um tom quase dourado à poeira suspensa no ar. Beniamin trouxe duas canecas de chá, embora eu não tivesse pedido nada.

— Sem açúcar — disse, colocando uma diante de mim.

— Como sabia?

— Não sabia. O açúcar está ali ao lado.

Caí na risada.

Examinei as novas possibilidades para o traçado do caminho. Se a parte oeste realmente precisasse permanecer inacessível, eu poderia transferir parte das plantações para mais perto do pavilhão. Isso, porém, exigiria alterações na composição e trabalhos adicionais de preparação do terreno.

— Tenho uma proposta — anunciei.

Beniamin se sentou à minha frente.

— Estou ouvindo.

— Vamos preservar o antigo pomar como centro do projeto. O jardim de rosas se tornará uma área mais tranquila. Por enquanto, deixaremos a faixa oeste fora das obras, mas não fora do projeto. Ela permanecerá em aberto até a decisão definitiva.

— Quanto isso vai nos custar?

— Financeiramente, menos do que começar tudo de novo. Em termos de organização, exigirá mais paciência.

— Algo que nem sempre tenho de sobra.

— Percebi.

Ele se inclinou sobre o projeto. A manga de sua camisa subiu um pouco, revelando uma cicatriz perto do pulso.

— E se eu dissesse que preciso de um lugar que seja, acima de tudo, útil, e não bonito?

— Eu perguntaria por que o senhor acredita que essas duas coisas são incompatíveis.

Ele me observou atentamente.

— Ninguém nunca me respondeu dessa maneira.

— Talvez o senhor tenha feito a pergunta às pessoas erradas.

Começou a chover do lado de fora. As gotas batiam no telhado do pavilhão, e o ar ficou impregnado pelo cheiro de madeira úmida. Beniamin girou um lápis entre os dedos durante alguns instantes, depois o colocou ao lado do meu projeto.

— Há mais uma condição — disse.

Senti que minha paciência estava realmente chegando ao fim.

— Sou toda ouvidos.

— Quero que o jardim continue funcionando quando a senhora for embora. Que não seja bonito apenas durante os primeiros três meses.

— Todos os meus projetos incluem um plano de manutenção.

— Não estou falando apenas de manutenção. Estou falando das pessoas que vão trabalhar aqui. Elas precisam entender por que cada coisa foi feita e qual é seu valor.

Observei-o com mais atenção.

— Isso faz sentido.

— Sério?

— Não precisa parecer tão surpreso. Sou capaz de concordar com o senhor.

— Vou guardar este momento na memória.

Deslizei uma folha em branco na direção dele.

— Vou preparar um programa com dois treinamentos para a equipe. Um antes do início do inverno e outro depois da conclusão das principais plantações. Mas, em troca, exijo acesso completo à documentação e uma única pessoa responsável pelas decisões.

— Eu.

— Era exatamente isso que eu queria evitar.

Ele riu mais alto do que antes.

Por um instante, não era o proprietário severo do viveiro nem o homem que escondia problemas familiares. Era um homem cujo riso iluminava o rosto de uma maneira perigosamente atraente.

Quando a chuva diminuiu, saímos para a frente do pavilhão. Uma névoa delicada pairava sobre o pomar. Beniamin parou junto aos degraus, enquanto eu guardava os documentos na bolsa.

— Amanhã, às oito? — perguntou.

— Às oito.

— E traga alguma coisa mais quente. A previsão é de geada pela manhã.

— O senhor verifica a previsão do tempo para todos os seus colaboradores?

— Só para aqueles que chegam antes das sete e tentam abrir um portão quebrado.

Respondi com um sorriso que não pretendia lhe mostrar.

Comecei a caminhar em direção ao carro. Depois de alguns passos, ouvi sua voz novamente.

— Dagna?

Virei-me.

— Sim?

— Fico feliz que tenha vindo.

Não respondi imediatamente. Não havia flerte em suas palavras, pelo menos nada evidente. Havia gratidão, talvez um pouco de alívio. Mesmo assim, senti vontade de ouvi-las outra vez.

— Diga isso de novo daqui a oito semanas — respondi.

Quando fui embora, vi pelo retrovisor que ele ainda estava parado diante do pavilhão.

Naquela noite, sentei-me à escrivaninha do apartamento alugado nos arredores de Sandomierz e abri o calendário. Sob a data do voo para Lisboa havia uma breve anotação: "Novo começo".

Fiquei olhando para aquelas duas palavras por mais tempo do que deveria.

Depois, fechei o computador antes que me ocorresse acrescentar qualquer pergunta logo abaixo delas.

Capítulo 2 - Limites traçados a lápis

Na manhã seguinte, o pomar me recebeu com uma fina camada de geada e o cheiro de fumaça que vinha das propriedades rurais próximas. Cheguei alguns minutos antes das oito, equipada com um suéter mais grosso, uma garrafa térmica de café e uma lista de condições para nossa colaboração, que eu havia preparado na noite anterior. Considerava o último item o mais importante.

Beniamin me esperava junto ao pavilhão. Vestia uma jaqueta escura e segurava os projetos enrolados que eu lhe enviara na noite anterior.

— Vejo que levou meu conselho a sério — comentou, olhando para o suéter.

— Apenas porque a temperatura caiu para dois graus.

— Naturalmente.

— E o senhor leu os documentos?

— Duas vezes.

Aquilo me surpreendeu.

Eu estava acostumada com clientes que assinavam orçamentos sem ler e depois questionavam decisões descritas já na primeira página. Beniamin parecia um homem exigente, mas não alguém que menosprezasse o trabalho dos outros. Era uma característica muito mais atraente do que seu sorriso, embora eu preferisse não comparar as duas coisas.

Entramos no pequeno escritório nos fundos do pavilhão. O ambiente era simples: uma mesa de madeira, estantes com catálogos de plantas, um mapa antigo do viveiro e